

Um luminoso conto de fadas: uma tradução

A luminous fairy tale: a translation

David G. Molina¹

Resumo: Tradução de “Um luminoso conto de fadas” (1903-4), primeiro conto publicado pelo escritor Andrei Biêli. Célebre por romances como *Petersburgo* (1916) e *Kotik Letáiev* (1922), Biêli é um dos principais nomes do simbolismo russo. A tradução é precedida por uma introdução e acompanhada por notas explicativas.

Palavras-chave: “Um luminoso conto de fadas”; Andrei Biêli; Simbolismo russo; Tradução.

Abstract: What follows is a Portuguese translation of Andrei Bely’s “A Luminous Fairy Tale” (1903-4), the Russian symbolist’s first published short story. The translation is preceded by an introduction and is accompanied by explanatory notes.

Keywords: “A luminous fairy tale”; Andrei Bely; Russian Symbolism; Translation.

“Um luminoso conto de fadas” é o primeiro conto publicado por Andrei Biêli, pseudônimo de Boris Nikoláievitch Bugáiev (1880-1934), figura central do simbolismo russo. Conhecido predominantemente por seus romances, cujos destaques são *Kotik Letáiev* (1922) e *Petersburgo* (1916) – este último considerado por Vladimir Nabokov um dos quatro romances mais importantes do século 20 –, Biêli foi também poeta prolífico, ensaísta e crítico literário, responsável por estudos formais de métrica e versificação que viriam a exercer grande influência sobre Viktor Chklóvski, Iúri Tyniánov e Boris Eikhenbaum.

Biêli começa a escrever literatura entre 1897 e 1898 e publica seu primeiro livro em 1902. *Segunda sinfonia: dramática*, escrita em combinação pouco usual entre prosa e poesia, é uma obra experimental que visa simular, na literatura, técnicas composicionais da música instrumental. Como indica o próprio Biêli em ensaios teóricos, a tentativa – presente em toda a primeira fase de sua produção – tem como fonte de inspiração a hierarquia estética de Arthur Schopenhauer, que privilegiava a música sobre outras manifestações artísticas.

¹ Tradutor, doutorando em literatura e cinema russo no Committee on Social Thought e departamento de Literatura Comparada da Universidade de Chicago (EUA). E-mail: davidmolina@uchicago.edu.

O *Gesamtkunstwerk* de Wagner e o *Zarathustra* de Nietzsche também surgem como influência na obra, animando os diversos *leitmotive* do autor.

“Um luminoso conto de fadas” foi escrito em 1903 e publicado em 1904, um dos anos mais produtivos do autor, que viu também a publicação da *Primeira sinfonia* e *Ouro em azul*, sua primeira coleção de poemas. O conto é, em parte, autobiográfico e relata uma versão ficcional do turbulento amor de Biêli por Nina Petróvskaja (1884-1928), figura que roubara o coração do também simbolista Valeri Briúsov (1873-1924). Apesar de Biêli ter, ao longo de sua carreira, defendido a preponderância do som em sua prosa, “Um luminoso conto de fadas” é uma explosão de luzes e cores. Como na abertura de *Kotik Letáiev*, o texto começa com um mito de criação em que a consciência cosmológica do autor-protagonista parece ser anterior ao seu surgimento em carne e osso. Uma bruma dourada envolve todo o texto, enevoando as fronteiras entre imaginação e autobiografia. Como em *Letáiev* e *Petersburgo*, o pai de Biêli, Nikolai Vasilievitch Bugáiev, serve como modelo para a figura do pai do narrador. Bugáiev-pai foi professor de matemática na Universidade de Moscou e o duplo movimento de aproximação e rejeição à figura do pai é uma das forças motrizes principais na obra do autor.

Se em “Um luminoso conto de fadas” a tentativa do jovem protagonista de conhecer e ser reconhecido por uma mulher que encarna uma variação sofiológica do “eterno feminino” é bem-sucedida, a relação de Biêli com Nina Petróvskaja foi menos feliz: ela quase atirou nele após uma palestra em 1905.

As notas que acompanham a tradução a seguir esclarecem escolhas, apontam detalhes estilísticos e traçam o desenvolvimento de imagens também utilizadas em outras obras importantes do autor, como os poemas de *Ouro em azul* e *Petersburgo*.

Um luminoso conto de fadas

Andrei Biêli

1.

Correm os minutos. Faíscam as imagens. Tudo acelera. É grandioso o voo da vida. Revolvem as constelações – giram sem cessar. E voam, voam...

Estas são lágrimas de fogo:² vertidas pelo Eterno certa vez. Borrifos de lágrima fulgurante que queimam no inabarcável, esfriando. E os acordes das constelações acordam, na alma, a música esquecida do pranto.

Estas são as estrelas – faíscas fogosas de um eterno foguete³ que varre por aqui.⁴ Queimam, esfriando. Pelo caos dos espaços, lançam, umas às outras, feixes⁵ dourados, ardentes flâmulas de uma terra natal que varre por aqui.

E então, apagando, difundem luzes dourado-aeriformes⁶ pelo abismo. Apertam contra o seio que arrefece carícias neve-tremulantes de calor e ouro branco. E dos langores cetim-aeriformes, branco-dourados e quentes, seres, tecidos de raio, surgem na superfície das estrelas esfriantes.

² *Sliozy ogniá* (“lágrimas de fogo”). Imagem recorrente em Biêli que surge aqui como parte de uma gênese dupla: do universo e do próprio escritor, que almeja, em “Um luminoso conto de fadas”, gerar um “eu literário” a partir de uma infância mitológica. No poema “Eterno chamado” (1903), dedicado a Dmitri Merejkóvski, a metáfora surge com ressonâncias cristãs (“uma gota de sangue como uma lágrima de fogo/que esfria e treme sobre a tez”) mas como é comum em Biêli, a dor do eu lírico – autointitulado “um falso Cristo, insano e ridículo” – é ambígua, nietzscheanamente matizada pelo som das “gargalhadas” que pairam sobre ele. (BELYI, 2006, p. 85-87). Em *Petersburgo* são as lâmpadas às margens do Nevá que vertem “lágrimas de fogo”, cingindo a superfície da água com faíscas efervescentes (ver, por exemplo, “É sempre assim” e “A roulade trovejava”). (BELYI, 1981). Todas as traduções presentes no texto são do autor.

³ *Raket* (“foguete” ou “fogo de artifício”), surge também no sonho místico-geométrico que conclui o capítulo 3 de *Petersburgo*: “Apollón Apollónovitch voou pela abertura redonda em direção ao azul, à escuridão, à estrela de pluma dourada; e, tendo voado o suficiente sobre sua própria cabeça (que parecia-lhe ser o planeta Terra), a estrela de pluma-dourada, como um foguete, explodiu silenciosamente em faíscas” (“O segundo espaço do senador”). (BELYI, 1981, p. 140)

⁴ O particípio aqui é “*promchavchiisia*” que significa “varrer”, “mover-se rapidamente”, “passar rápido e despercebido”. Se, no original, a construção não requer complemento, em português, foi necessário adicionar um “por aqui” para fazer com que a frase fizesse sentido.

⁵ *Snop*, termo que indica tanto um maço de cereais quanto um fecho de luz. Optei aqui, como em minha tradução integral de *Petersburgo* (no prelo), por “feixe”.

⁶ O uso inusitado do hífen é uma das marcas registradas da escrita simbolista de Biêli. Alguns dos modelos mais frequentes incluem “cor-cor” (“branco-dourado”), “cor-objeto” ou “cor-flor” (“azul-centáurea”), e os sinestésicos “cor-som” (“vermelho-farfalhante”) ou “cor-textura” (“dourado-aeriforme”).

Cantam o Sol os filhos do Sol,⁷ procuram nos olhos um do outro por ensolarados sinais de atemporalidade, e chamam de vida essa busca por luz.

Os fluxos dourado-aeriformes voam, voam até eles, acariciando-os e beijando-os suavemente, entre o caos dos séculos, pelo abismo dos espaços que correm.

Entre os minutos faíscam as imagens, e tudo acelera no voo da vida. Os filhos do Sol apressam-se ao Sol entre a insondável escuridão.

Como aveludadas abelhas⁸ coletando ouro melado, prezam por reservas de lustro ensolarado nos corações. Em seus corações há um êxtase do meio-dia: expandem-se, como um copo, pois de suas almas far-se-ão enormes espelhos que refletem os relâmpagos do sol. Dão à luz⁹ os netos do sol, para passar a eles o segredo dos luminosos sinais. Estes sinais revelam o esplendor do sol.¹⁰

E então uma extensa linhagem de gerações aprende a recordar o não visto e a chamar de ciência tais desejadas memórias.

Coletam o sol, acumulam as luzes – douradas e branco-aeriformes –, acumulam as luzes os netos do sol.

Chegará o dia em que haverá em seus corações todas as lágrimas de fogo – lágrimas do foguete do mundo que fulgurava antes do tempo dos tempos.

2.

Nasci. A escuridão envolveu minha infância. Duas asas negras esvoaçaram sobre a criança. A negra mandíbula¹¹ da noite pendia, exalando frio. A primeira coisa de que me lembro é de estar junto à janela. Os vidros congelados queimavam com faíscas. Queria que minha governanta as coletasse num copinho de madeira.

⁷ Em maiúsculas no original.

⁸ Abelhas, com seus zumbidos aveludados, ressurgem em *Petersburgo* nas descrições do apolíneo Apollón Apollónovitch Ableúkhov: “De repente, por algum motivo, percebeu-se um enxame brilhante, do qual se ouviam desde o centro vozes contidas e irreprimíveis; um *basso profundo* emergiu do centro do grupo como uma abelha de veludo de imensas proporções; ele era mais baixo que todos os outros, e mal podia ser visto quando estava rodeado pelos velinhos de peito dourado” (“A celebração”). (BELYI, 1981, p. 110).

⁹ O verbo em russo, aqui, é *rojdátsia*, “dar à luz” com sentido de “dar vida”. O possível duplo sentido do português contribui para a luminosidade presente no texto de Biêli.

¹⁰ *Solnetchnost*, substantivo abstrato difícil de traduzir, produzido a partir de *solntse*, “sol”, que sugere uma qualidade da estrela: a de ser “ensolarada.” Optei por “esplendor”; uma alternativa possível talvez fosse o termo “insolação” em sentido físico (“a ação dos raios solares sobre um objeto”) e não médico (“estado patológico provocado pela exposição demorada a um sol intenso”).

¹¹ *Past* (“mandíbula”), imagem a qual Biêli retorna em sua visão noturna da avenida Niévski em *Petersburgo*. “À noite uma escuridão de fogo inunda a Niévski. E ardem com luzes resplandecentes as paredes de muitas casas: palavras em diamante reluzem brilhantes: ‘*Cafeteria*’, ‘*Farsa*’, ‘*Diamantes Tate*’, ‘*Relógios Omega*’. Esverdeada durante o dia, e radiante agora, uma vitrine abre sua mandíbula de fogo na Niévski; em todo lugar há dezenas, centenas de infernais mandíbulas de fogo: e essas mandíbulas expelem, atormentadoras, sua luz clara e branca contra o pavimento; expelem fluído turvo em ferrugem ferosa. E a avenida é roída por fogo” (“Outono

Um homem grisalho e triste estava sentado à mesa, olhos cinzas fixos num único ponto. Esfregava os joelhos com as mãos assoando o nariz, de tempos em tempos. Duas velas funéreas o iluminavam, e a tira larga de seu *pince-nez* fluía contínua desde seu rosto triste. Estava sentado contra o fundo de uma escuridão escancarada que rasgava inexorável pelo espaço iluminado. Com seus dentes arreganhados, aquela mandíbula ameaçava nos engolir. Mas o velho triste apenas se levantou e fechou a porta. A mandíbula se fechou.

E ele continuou sentado ali, congelado, olhos fixos num único ponto.¹² Pareceu-me ser um desconhecido, mas um dedo árido estendeu-se sobre mim, e ouvi a voz de minha governanta sobre os ouvidos: “Aqui está o papai... Ele está conosco...” E comecei a reconhecê-lo. Uma canção severa ressoou do outro lado da parede. Meu curvado pai aproximou-se de mim. Fez cócegas com o dedo e disse: “É o vento de inverno”.

E na janela escancarava-se a mandíbula negra, exalando frio. Disseram-me que ali estava o céu.

Levaram-me para a cama.

3.

Eu gostava dos reflexos solares que corriam pelas paredes. Aquilo era tão estranho que eu gritava: “O que é, o que é?...” Mas todos riam. Eu ria também, mas asas batiam em meu peito.

Eu gostava dos fluxos dourado-aeriformes e das carícias de ouro branco. Na primavera nós nos mudávamos para a *dátcha*, e eu corria pelas veredas do jardim procurando outras crianças. Eram todos meninos e meninas de olhos azuis. Brincávamos de “filhos do Sol.” Depois da chuva, as poças brilhavam como moedas de ouro. Sugeri que coletássemos punhados de água dourada e os levássemos para casa. Mas o ouro desapareceu, e quando levamos para casa o esplendor solar, ele acabou virando uma lama turva, pela qual fomos repreendidos. Às vezes pulávamos pelas poças em nossas roupas de marinheiro azul-escuras,

molhado”). (BELYI, 1981, p. 49). Expressões relacionadas surgem no parágrafo acima em “escuridão escancarada” (*ziiaiushchaia t'ma*) e no poema “Para Balmont” que abre a coletânea *Ouro em azul*: “E, envolvidos pela escuridão/ cerram-se os abraços dos horizontes/Tu disseste: “O oceano azul-claro/ainda está conosco, irmãos!” (BELYI, 2006, p. 79).

¹² *Tochka*, “ponto”, termo que, em Biéli, exerce funções psicológicas, biográficas, matemáticas e metafísicas. Por um lado, a imagem caracteriza o estado psicológico do pai, que olha para um ponto fixo no vazio numa tentativa de fuga do tempo presente. Os sentidos biográficos e matemáticos se misturam: Nikolai Vasilievitch Bugáiev foi um matemático, o que dá ao “ponto”, em Biéli, um sentido técnico, formal. Por fim, em *Petersburgo* elementos como o “ponto geográfico” ou o “ponto no papel de parede no sótão de Aleksáedr Ivánovitch” agem como portais para a quarta dimensão, o mundo das sombras, onde misturam-se realidade e imaginação.

com âncoras vermelhas, e batíamos as palmas cantando em coro: “luz do sol, dia de sol”.

Borrifadas que cegavam os olhos brilhavam por todos os lados, mas quando voltávamos para casa, os adultos diziam que estávamos cobertos de lama. Compreendemos vagamente que tudo aquilo era mais complicado do que parecia.

Mas os fluxos dourado-aeriformes voaram através do caos dos séculos e teceram ao nosso redor um meio-dia de ouro branco. Parecíamos radiantes, e o grisalho caseiro da *dátcha* nos acompanhava sempre com murmurar senil: “Anjos inocentes...”

Os filhos do Sol sonhavam o Sol. Coletavam, como abelhas, o amarelo melado dos raios. Não sei o que queríamos, mas uma vez pedi a meu pai por um copo de vinho dourado,¹³ supondo que fosse a bebida do sol.

Disseram-me que era cedo demais para crianças beberem vinho. Certa vez os filhos do Sol juntaram-se sob um velho sabugueiro. Este era nosso barco voador.¹⁴ Sentamo-nos sobre seus galhos, navegando na direção do sol. Eu comandava a partida. Música surgiu em meu peito: ressoava o farfalhar dos jatos de relâmpago. Mas a árvore encolerizou-se e os galhos se dobraram. E dobrando-se, embalaram os filhos da luz, carregando-os ao sol. Os fluxos de ouro branco penetraram a vegetação, aqueceram-nos, e rolaram-nos na areia seca como maçãs radiantes.¹⁵

4.

Certa vez ressoou à noite um tilintar, como se esticassem um mel dourado grosso, como uma cola, para fazer, do mel, fios dourados e radiantes. Às vezes parecia que eram correntes de sol líquido que esparrinhavam. Mas este não era o sol: no pequeno balcão da *dátcha* vizinha, um estudante coxo¹⁶ de camisa vermelha se sentava, balançando os cachos, e guiava um arco pelo oviolino.

¹³ O “vinho dourado” surge também em dois poemas de 1903, “O velocino de ouro” – que discutiremos na nota abaixo – e no segundo dos “Três poemas”, ambos publicados no livro *Ouro em azul*. Se no primeiro a definição da cor surge por meio da rima – Biêli justapõe “o vinho do mundo” (*vino mirovovoe*) com “o velocino de ouro” (*runo zolotoe*) –, no segundo, a imagem é mais explícita: “Novamente o vinho dourado/ extingue-se na encosta do céu/E uma palavra aperta meu peito/com tristeza familiar”. (BELYI, 2006, p. 81-82, 88-90)

¹⁴ Referência ao mito de Jasão e os argonautas, cuja busca pelo velocino de ouro é imagem fundamental da poética de Biêli em 1903-4. Biêli desenvolve o motivo em seu poema programático “O velocino de ouro” que incorpora muitas das imagens que aparecem em “Um luminoso conto de fadas”, como o vinho dourado, o barco voador, e, é claro, o sol. Junto com o ensaio “Simbolismo como visão de mundo”, “O velocino de ouro” servirá de manifesto para os “Argonautas”, grupo liderado por Biêli e Ellis (Lev Kobylinskii) que se reunia todos os domingos na casa dos Bugáiev com o intuito de encontrar um caminho próprio para a arte simbolista.

¹⁵ Em *Petersburgo*, a metáfora da maçã retorna, desta vez apontando para as estruturas esféricas que arrematam as lâmpadas de rua e emanam brilho misterioso.

¹⁶ O estudante coxo de “Um luminoso conto de fadas” serve como protótipo para a descrição de Nikolai Apollónovitch no trecho final de *Petersburgo*: “Nikolai Apollónovitch parecia coxo, corcunda e – com um rabo,

E o dourado guinchava, esticando-se em fios, e alguém, com uma risada, os enrolava em novelos que eram lançados como radiantes reflexos solares.

Por muito tempo escutei o estudante coxo e falei: “Tem som de sol...som de ouro... mas nem tudo que reluz é ouro...”

Apreendi.

5.

Os dias faiscaram. Conduzi experimentos. Chacoalhei as folhas douradas de outono. Pinteí imagens com tintas douradas. Vazei entre os dedos a aveia seca, amarela e farfalhante.

Certa vez a lua iluminou meu quarto. Pulei para fora da cama e corri até o espelho. Das profundezas do espelho lançou-se em minha direção um menino ágil, olhinhos brilhando. Sons solares emanavam da *dátcha* vizinha. – Enrolavam novelos de lã, radiantes.¹⁷ Deveria ser o estudante que tocava seu violino.

Apanhei no espelho um raio de lua. Apoiei o espelho no chão e sonhei que estava diante de uma lagoa. Dourada, a superfície brilhante reluzia, tremulava, e eu quis nadar em suas profundezas. Pulei no espelho. Ouviu-se um estrondo e algo mordeu minha perna.

Correram por causa do barulho. E me viram ao lado do espelho quebrado.

Formou-se, então, um conselho familiar, e decidiram procurar-me um professor. Tios e tias competiram para explicar: “O menino impressionável procura alimento para sua curiosidade. É mais racional satisfazer essa curiosidade com sólido sustento, do que alimentar suas fantasias.” Apenas meu velho pai permaneceu num silêncio triste. Olhou para mim. A larga tira de seu *pince-nez* fluía contínua desde seu rosto. Ele me entendia. Mas permaneceu em silêncio.

Daquele momento em diante, o estudante coxo de cabelos longos começou a me visitar. Em vão eu esperava que ele trouxesse consigo o violino. Ele trazia insetos radiantes e grama seca, e dizia que aquilo também era produto da energia do sol.

Depois fiquei sabendo que ele virou espírita.

Os anos se passaram.

quando ele voou com toda a força sobre os degraus da escadaria macia, seu couro de cabelos de linho branco soprando contra o vento” (“Oscilava sobre uma pilha de objetos...”). (BELYI, 1981, p. 393).

¹⁷ Referência ao velocino de ouro. Ver nota 12.

6.

Terminei o ginásio. De vez em quando, o estudante coxo me visitava. Sua voz afiada soava: “Correm os minutos. Faíscam as imagens. Tudo acelera. É grandioso o voo da vida.¹⁸ A memória é um disco sensível. Ela tudo imprime. E a imagem recíproca voa a partir dela. E é impressa uma segunda vez. Os particulares se apagam. Permanecem os contornos gerais. Formam-se os conceitos...”

Ele tamborilava os dedos no ritmo da fala, ensinou-me a música das palavras. Seu hábito de me visitar, de desenvolver meus pensamentos, apagar particulares, formar conceitos, permaneceu.

Os conceitos se entrelaçavam. Diversas eram suas relações. Trançava-se o tecido. Elos de conclusões, como flocos aracnídeos, sinalizavam até nós desde longe. Um pensamento fortalecido batia suas asas. Meu professor, entusiasmado, golpeava a mesa com as mãos e o chão com os pés, enquanto sua barbicha fina, loira, chacoalhava com entusiasmo.

Ele gritava: “O pensamento cresce. E leva tudo para longe. Tudo é carregado nas asas do pensamento. Mas o próprio pensamento se dobra, dobra-se como uma tira.¹⁹ Direciona-se a si próprio. Fecha-se o círculo. Elos de conclusões dispersas fundem-se num único anel teia-enevado. O vento gira a roda esbranquiçada de névoa.

E formávamos círculos de pensamento, e girávamos esta roda esbranquiçada de névoa – eu e meu coxo professor. E nossas palavras cortavam o ar como foguetes de diamante. A pirotecnia das profundezas regou-se uma à outra com uma chuva de lágrimas de fogo.

7.

Estudei os espectros.²⁰ Mundos em frascos e réplicas despontaram diante de mim. Meu professor de astronomia cutucou-me repetidas vezes sob um telescópio. Enfim passei no exame e inaugurei um novo curso: “Sobre caudas de cometas”...

¹⁸ Veja-se a identidade do trecho com as primeiras linhas do conto.

¹⁹ A escrita de Biêli é intencionalmente metalinguística, aqui. A tira (“lenta”) que se volta contra ela mesma recupera a imagem no *pince-nez* da seção 2, o que faz o trecho – uma articulação da circularidade do pensamento – adquirir ele próprio uma estrutura circular. O retorno das “lágrimas fogosas” da seção 1 ao fim da seção 6 confirma a intencionalidade do procedimento.

²⁰ *Spektr*, do latim *spectrum*, termo que, em russo, denota predominantemente o conjunto de raios coloridos resultantes da decomposição de uma luz complexa. O sentido sobrenatural de “espectro” em português, “fantasma”, produz um significado adicional que contribui para a superposição, no conto, de espírito e matéria, física e metafísica. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, antes do fim do conto, o professor-violinista do personagem principal tornar-se-á um médium espírita.

8.

Todo o esplendor que eu conhecia, todo o ouro melado de meus dias de infância, unificaram-se, penetraram o horror frio da vida, quando eu A vi.²¹ E meu coração fogueiro, como um foguete, acelerou pelo caos do não ser em direção ao Sol, à distante terra natal. O ponto fogueiro na escuridão começou a desenhar anéis luminosos em espiral. Finalmente, ele desapareceu. E os anéis espiral-fogueiros²² derreteram-se em silêncio.

Seus olhos – duas fendas azuis no céu – foram rodeadas de um cacheado esplendor solar e do resplandecer opaco do alvorecer, que queimava em suas bochechas. Púrpura queimante ardia em seus lábios finos, sob o qual brilhava um colar de pérolas.

Éramos duas faíscas desarraigadas de uma mesma terra natal – duas faíscas de um foguete já extinto. Olhando nos olhos um do outro, reconhecemos a terra natal.

9.

Escrevi a ela: “A alma fulgurou com luz bruxuleante – um ponto radiante. E a luz do mundo começou a brilhar. E a luz do mundo não foi apagada pelas trevas.

O ponto brilhante foi levado à cachoeira do tempo. Penetrou os séculos. Na escuridão, começou a desenhar anéis de fogo em espiral. Era possível ver uma espiral de fogo que se afastava rapidamente através do tempo.

Seu começo perfurava a escuridão.

E a luz do mundo, que começara a brilhar na escuridão, foi levada pacificamente à distante terra natal.

Os séculos rugiram. O velho destino – terror negro – se anunciava. O coração, palpitante, parou de bater. O vazio abriu-se por todos os cantos, séculos, sistemas planetários. Chicotearam as lágrimas – estas eternas tempestades. Dilúvios desabaram. Transbordaram o caminho das chamas.

²¹ A necessidade de posicionar o pronome “a” antes do verbo, em português, faz com que o português, aqui, seja menos enfático que o original. Em russo, *Eë* também aparece com letras maiúsculas, mas surge em posição forte na frase, a saber, no final.

²² Nabokov, grande admirador de Biêli, foi certamente influenciado pelas espirais deste último em sua caracterização da figura em *Speak, Memory*: “The spiral is a spiritualized circle. In the spiral form, the circle, uncoiled, unwound, has ceased to be vicious; it has been set free. I thought this up when I was a schoolboy, and I also discovered that Hegel’s triadic series (so popular in old Russia) expressed merely the essential spirality of all things in their relation to time. Twirl follows twirl, and every synthesis is the thesis of the next series. If we consider the simplest spiral, three stages may be distinguished in it, corresponding to those of the triad: We can call “thetic” the small curve or arc that initiates the convolution centrally; “antithetic” the larger arc that faces the first in the process of continuing it; and “synthetic” the still ampler arc that continues the second while following the first along the outer side. And so on. A colored spiral in a small ball of glass, this is how I see my own life”. (NABOKOV, 1989, p. 275)

Daquele momento em diante, o êxtase do fogo não pode ser suprimido.

E todos viram o voo da alma em chamas, que deixava pelo caminho anéis de fogo em espiral. Não teve de tocar a alma mais de uma vez. A alma estava em chamas – um ponto radiante. E afastava-se através do tempo. Parecia ser uma cobra, brancura ígnea, que rastejando pelo vazio do mundo, ensurdecera o brado fatídico dos séculos. O que se incendiara, apressava-se através dos tempos. E o tempo corria até a atemporalidade. A luz do mundo, que começara a brilhar na escuridão, foi levada pacificamente à distante terranatal.”

Assim escrevi. Após esta carta, eu a encontrei, mas ela se voltou para longe. Era inverno, patinávamos no gelo. Ela deslizava pelo gelo transparente, de braços dados com um oficial, deixando para trás, no gelo, primeiro círculos, depois espirais. Elas pareciam varrer através dos tempos.

10.

Queria surpreendê-la, mostrá-la o eterno. Para isso, dei ordens secretas para que disparassem foguetes no prado ceifado em frente à *datcha*. Queria arrumar fogos de artifício inesperados – explodir milhares de sóis sobre os raios úmidos da noite. Sabia que ela estaria lá pois seu marido – meu amigo – este prazer não privaria a mim e ela, a ele. Com esses foguetes, queria suggestionar a ela os voos e arrebatamentos de nossas almas.

Bebemos alegremente o vinho dourado, supondo que fosse a bebida do sol. A noite negra nos cobriu com um frio nebuloso. Peitos ardentes respiravam com mais frequência e superstição. Por algum motivo, ela lançou-me, furtiva, olhares surpresos, mas fingi não ter visto nada.

Bebemos vinho dourado e carmesim. Fiz sinal para o médium coxo, meu antigo professor, e ele desapareceu na escuridão da noite. Algo tristemente-suave, ansiosamente sedutor repousou no rosto enrijecido da moça. Convidei todos para o terraço. As mandíbulas negras da noite pendiam sobre nós.

Pendiam e respiravam frio.

No horizonte, um fluxo dourado de faíscas explodiu. No horizonte revelou-se um lança-faíscas. Pequenas faíscas douradas, que rapidamente se apagaram, flutuaram com o vento. Novamente. E mais uma vez.

E os lança-faíscas ativaram-se por toda a volta. Da colina mais próxima, uma torrente de faíscas radiantes se soltou, enchendo os arredores com um tremor uniforme e dourado. Iluminado pela luz dourada, o médium coxo gritou as seguintes e estranhas palavras:

“Nem tudo feneceu. A alma parou de voar para a pátria distante, mas a própria pátria anseia por aqueles que perderam seus caminhos – agora, a antiga terra natal voa ao encontro deles.” Sobre o horizonte, cotovias em chamas passaram – como cometas vermelhos, e todos ouviram as asas da terra natal que corriam, esvoaçando sobre nossas cabeças.

Mas o médium coxo, não mais iluminado pela cachoeira que se extinguiu, continuou a gritar na escuridão: “E então, como um foguete, a palavra fogosa voou alto. No horizonte, um fluxo dourado de faíscas explodiu. No horizonte revelou-se um lança-faíscas. Pequenas faíscas douradas, que rapidamente se apagaram, flutuaram com o vento. Novamente. E mais uma vez. E os lança-faíscas ativaram-se por toda a volta.”

Mas tudo ao redor já assobiava e sussurrava. Rodas de fogo zumbiam; em algum lugar, fulguravam luzes estranhas, de cor Bengala-púrpura.

Alguém ouviu um passo silencioso – um passo suave-aveludado no silêncio. O passo de um gato. Era a felicidade a esgueirar-se no meio da noite. Era ela. Os outros não entendiam o que surgira em seus corações quando os lança-faíscas – fontes douradas de inspiração – explodiram no céu. Não entendiam o que arrancava de seus peitos ardentes, suspiros tristes de luz universal.

Ela estava perto, perto. Algo tristemente rígido e sedutor pareceu repousar sobre ela e, compreendendo-me, ela riu com serenidade afetuosa.

Então eu disse aos convidados: “A Eternidade organizou um festival de tochas. Isso quer dizer que gigantes²³ devem ter corrido sobre a face da terra. Somente eles poderiam lançar tais chamas. Somente eles poderiam dar início ao fogo. Somente eles poderiam ter inundado o abismo com seus hálitos de fogo”.

11.

Tudo se apagou. Silenciamo-nos. Os minutos corriam e olhávamos as constelações – aquelas lágrimas de fogo. O Eterno chorara certa vez: jorros de lágrimas que arderam no inabarcável que queimava sobre nós. Através do caos do espaço, lançaram feixes de ouro uns aos outros. E os acordes das constelações acordaram, na alma, a música esquecida do pranto. Ouvi, quase inaudíveis, sons de soluços e risos. Como pérolas cadentes.

²³ Gigantes e outras criaturas fantásticas são presença constante nas obras de Biéli deste período. Centauros e gnomos recebem atenção particular do autor em *Ouro em azul* (*Zoloto v lazure*, 1904). Como o também ocultista W. B.

Era ela que ria, feliz. Chorava amargamente. Disse em voz baixa que a noite azulava, e o empíreo estava cheio de ondas azuis-claras.

Ouvimos o som dos céus – o quebrar das ondas azuis. Dissemos um para o outro: “Estão histéricos...”

Pequenas nuvenzinhas brancas cintilaram num dourado espuma-festivo.²⁴ O horizonte ambareceu.²⁵

Despedimo-nos.

12.

E permaneci num silêncio azul-claro, afetuoso. Estava quieto. Atingira meu objetivo. Só o que me restava agora era morrer de felicidade.

1903

Yeats, Biêli passa a abdicar de tais imagens com o passar do tempo, e mesmo em *Petersburgo* (1916), elas já são bastante raras e surgem filtradas pelas obras de Púchkin, Gógol e Dostoiévski.

²⁴ O adjetivo composto mais inusitado do texto. O original é *penno-pirnyi*, algo como “espuma-banquetico”, e contém a palavra-chave *pir*, “banquete”, presença constante em vários poemas de *Ouro em azul*.

²⁵ *Ianeret*’ (“ambarecer”), neologismo de Biêli que adere à estrutura morfológica de outros verbos-cores como *tchernet*’ (“enegrecer”) e *belet*’ (“branquear”). Vale a pena ressaltar também a invenção do substantivo *iskromet*, “lança-faísca”.

Световая сказка

Андрей Белый

1.

Бегут минуты. Мелькают образы. Все несется. Велик полет жизни. Крутятся созвездья – вращаются без конца. И летят, летят...

Это – слезы огня: Безначальный заплакал когда-то. Брызги вспыхнувших слез в необъятном горят, остывая. И аккорды созвездий в душе пробуждают забытую музыку плача.

Это – звезды – огнистые искры промчавшейся вечной ракеты. Горят, остывая. Сквозь хаос пространств посылают друг другу снопы золотые – знамена огня промчавшейся родины.

И вот, погасая, бросают сквозь бездну золотисто-воздушные свет. Прижимает остывшее лоно снежно-трепетные ласки тепла и белого золота. И от бело-золотых, атласно-воздушных и жарких томлений сотканые из лучей существа возникают на поверхности стынущих звезд.

Поют о Солнцах дети Солнца, отыскивают в очах друг у друга солнечные знаки безвременья и называют жизнью эти поиски светов.

А золотисто-воздушные потоки летят и летят к ним, лаская и нежно целуя, сквозь хаос столетий, сквозь бездну текущих пространств.

Среди минут мелькают образы, и все несется в полете жизни. Дети Солнца сквозь бездонную тьму хотят ринуться к Солнцу.

Как бархатные пчелы, что собирают медовое золото, они берегут в сердцах запасы солнечного блеска. Сердце их вместит полудневный восторг: оно расширится, как чаша, потому что душа их должна стать огромным зеркалом, отражающим молнии солнц. Они рожают внуков солнца, чтоб передать им тайну света – светозарные знаки. Эти знаки открывают солнечность.

И вот длинный ряд поколений научается вспоминать невиданное и называет наукой эти желанные воспоминания.

Собирают солнце, накапливают свет – золотые свет и воздушно-белые, – накапливают свет внуки солнца.

Будет день, когда сердце их вместит все огненные слезы – слезы мировой ракеты, вспыхнувшей до времени времен.

2.

Я родился. Детство мое было окутано тьмой. Два черных крыла трепетали над младенцем. Висела черная, ночная пасть и дышала холодом.

Помню впервые себя у окна. Замороженные стекла горели искрами. Мне хотелось, чтоб няня собрала эти искры в деревянную чашечку.

Кто-то седой и скорбный сидел за столом, впериw серые очи в одну точку. Потирал руками колени и сморкался от времени до времени. Две свечи погребально светили ему, и широкая черная лента его пенсне непрерывно стекала со скорбного лица. Он сидел на фоне зияющей тьмы, неумолимо рвавшейся в освещенное пространство. Оскаленная пасть грозила нас проглотить. Но скорбный старик встал и закрыл двери. Пасть сомкнулась.

А он продолжал сидеть, замирая, впериw глаза в одну точку. Он мне показался неизвестным, но заскорузлый палец руки протянулся надо мной и над ухом раздался голос няньки: «Вот папа... Он с нами...» Я начинал узнавать. За стенкой раздавалась суровая песнь. Согбенный отец подошел ко мне. Щекотал пальцем и говорил: «Это – зимний ветер».

В окне зияла черная пасть и дышала холодом. Мне сказали, что там – небо. Унесли спать.

3.

Я любил солнечных зайчиков, бегающих по стенам. Это было так странно, что я покрикивал: «Что это, что это?..» Но все смеялись. Смеялся и я, но в груди моей бились крылья.

Я любил золотисто-воздушные потоки светов и ласки белого золота. Весной мы переезжали на дачу, и я бегал по дорожкам сада отыскивать детей. Это были всё голубоглазые мальчики и девочки. Мы играли в детей Солнца. После дождя лужи сияли червонцами. Я предлагал собирать горстями золотую водицу и уносить домой. Но золото убегало, и когда приносили домой солнечность, она оказывалась мутной грязью, за которую нас бранили. Иногда мы прыгали по лужам, в синих матросках с краснымиякорями, хлопали в ладоши и пели хором: «Солнышко – ведрышко».

Ослепительные брызги разлетались во все стороны, но когда возвращались домой, взрослые говорили, что мы покрыты грязью. Смутно понимали мы, что все это хитрей, чем кажется.

А золотисто-воздушные потоки летели сквозь хаос столетий и ткали вокруг нас полудень белого золота. Мы казались лучезарными, и седой дачник всегда провожал нас старческим бормотаньем: «Невинные ангелы...».

О Солнце мечтали дети Солнца. Собирали, как пчелы, медовую желтизну лучей. Я не знаю, чего нам хотелось, но однажды я попросил у отца золотого вина, полагая, что это – напиток солнца.

Мне сказали, что детям рано вино пить. Однажды собрались дети Солнца к старой бузине. Это был наш воздушный корабль. Мы сидели на ветвях, уплывая к солнцу. Я командовал отплытием. В груди моей подымалась музыка: раздавался шелест молниеносных струй. А дерево бушевало, и ветви склонялись. Склоняясь, качали детей света, несущихся к солнцу. Потоки белого золота пробивали зелень, грели нас и качались на песке лучезарными яблочками.

4.

Однажды вечером раздались звенящие звуки. Точно растягивали мед золотой и густой, как клей, чтоб делать из меда золотистые, лучезарные нити. Порой казалось, что это – плещущие струи жидкого солнца. Но это не было солнце: на балкончике соседней дачи сидел хромой студент в красной рубаше, потряхивал кудрями и водил по скрипке смычком.

И скрипело золото, растягиваясь в нити, и кто-то со смехом наматывал эти нити в золотые клубочки и бросался клубочками, как лучезарными зайчиками.

Долго я слушал хромого студента и говорил: «Звучит солнце... звучит золото... не все то золото, что блестит...».

Учился.

5.

Дни мелькали. Я устраивал опыты. Шуршал золотыми, осенними листьями. Раскрашивал картинки золотыми красками. Сыпал между пальцами сухой, желтый, шуршащий овес.

Однажды луна озаряла комнату. Я вскочил с постели и подбежал к зеркалу. Из зеркальной глубины ко мне бросился резвый мальчик и блистал глазенками. С ближней дачи неслись солнечные звуки. – Наматывали лучезарные клубочки ниток. Должно быть, студент играл на скрипке.

Я поймал зеркалом лунный луч. Опрокинул зеркало на пол и мечтал, что стою над прудом. Золотая, блестящая поверхность блистала трепетом, и хотелось искупаться в глубине. Я прыгнул в зеркало. Раздался треск, и что-то укусило меня за ногу.

Прибежали на шум. Увидали меня у разбитого зеркала.

Тогда собрался семейный совет, и решили взять мне учителя. Дяди и тетки напереыв толковали: «Впечатлительный мальчик ищет пищи своей любознательности. Рациональней удовлетворить любознательность солидной пищей, нежели кормить ее фантазиями». Один старый отец скорбно молчал. Поглядывал на меня. А широкая лента его пенсне непрерывно стекала с лица. Он понимал меня. Но он молчал.

С той поры ко мне стал хаживать хромой студент с длинными волосами. Тщетно я ждал, что он принесет с собой и скрипку. Он приносил мне лучезарных букашек да сушеные травы, говоря, что и это – продукты солнечной энергии.

Впоследствии я узнал, что он стал спиритом.

Проходили года.

6.

Я кончал гимназию. Иногда ко мне заходил хромой учитель. Раздавался его резкий голос: «Бегут минуты. Мелькают образы. Все несется. Велик полет мысли.

Память – чувствительная пластинка. Все она отпечатает. Летит возвратный образ. Вторично отпечатывается. Стираются частности. Остаются общие контуры. Образуются понятия...».

Он ударял пальцами в такт речи, учил меня музыке слов. У него осталась привычка приходить ко мне, развивать мои мысли, стирать частности, образовывать понятия.

Понятия сплетались. Разнообразны были их отношения. Ткань плелась. Звенья умозаключений, как паутинные хлопья, подавали знаки нам издали. Окрепшая мысль крыльями била. Бил руками по столу и ногой по полу мой восторженный учитель, и узенькая, белокурая борода тряслась восторженно.

Он кричал: «Мысль растет. Все уносит. Все несется на крыльях мысли. Но вот сама мысль загибается – загибается, как лента. Обращается на себя. Замыкается круг ее. Разбросанные звенья умозаключений сливаются в одно паутино-туманное кольцо. Ветер вращает это белесоватое колесо тумана».

И мы образовали круги мысли, и вращали это белесоватое колесо тумана – я и хромой учитель. И слова наши рассекали воздух, как бриллиантовые ракеты. Обсыпали друг друга дождем огненных слез пиротехники глубин.

7.

Я исследовал спектры. В колбах и ретортах у меня возникали миры. Неоднократно профессор астрономии тыкал меня под телескоп. Наконец я сдал экзамен и открыл курс: «О хвостах комет»...

8.

Вся солнечность, на какую я был способен, все медовое золото детских дней, соединясь, пронзили холодный ужас жизни, когда я увидел Ее. И огненное сердце мое, как ракета, помчалось сквозь хаос небытия к Солнцу, на далекую родину. Стала огненная точка в темноте рисовать световые кольца спирали. Наконец она удалилась. Огнисто-спиральные кольца беззвучно растаяли.

Ее глаза – два лазурных пролета в небо – были окружены солнечностью кудрей и матовой светозарностью зорь, загоревшихся на ее ланитах. Пожарный пурпур горел на ее тонких губах, под которыми блистало жемчужное ожерелье.

Мы были две искры, оторванные от одной родины, – две искры потухшей ракеты. Взглянув друг другу в глаза, мы узнали родину.

9.

Я писал ей: «Вспыхнула душа трепетным огоньком – светозарная точка. И свет мира засиял. И свет мира не был залит тьмою.

Понеслась сияющая точка к водопаду времени. Вонзилась в века. В черноте стала рисовать огненные кольца спирали. Можно было видеть огненную спираль, уносившуюся сквозь время.

Начало ее сверлило тьму.

И свет мира, засиявший во мраке, мирно понесся на далекую родину. Ревели века. Нависал старый рок – черный ужас. Замирало сердце, трепеща. Пустота разверзалась во всех концах – и в веках, и в планетных системах. Хлестали слезы – эти вечные ливни. Налетали потопа. Заливали пламенный путь.

Отныне не могли задушить огневеющий восторг.

И все видели полет воспламененной души, оставлявшей позади огненные кольца спирали. Нужно было раз коснуться души. И пылала душа – светозарная точка. Уносилась сквозь время. Казалось – змея, огневеющая белизной, переползала мировую пустоту, оглушаемая роковым воплем столетий. То, что зажглось, несло сквозь время. А время спешило в безвременье. И свет мира, засиявший во мраке, мирно понесся на далекую родину».

Так я писал. После этого письма я ее встретил, но она отвернулась. Это было зимой, на катке. Она скользила по прозрачному льду под руку с офицером, оставляя на льду то круги, то спирали. Казалось, они неслись сквозь время.

10.

Я хотел ее удивить и показать ей вечное. Для этого на скошенном лугу перед дачей я велел тайно забить ракеты. Я хотел устроить неожиданный фейерверк – разорвать тысячи солнц над влажными, ночными лучами. Я знал, что она должна была присутствовать при этом, потому что муж ее – мой друг – не захочет лишать меня удовольствия, а она – его. Я хотел намекнуть ей этими ракетами о полетах и восторгах наших душ.

Мы весело пили золотое вино, полагая, что это – напиток солнца. Черная ночь нас покрыла туманным холодом. Суеверней и чаще дышали горячие груди. Она почему-то украдкой бросала на меня удивленные взоры, но я делал вид, что ничего не вижу.

Мы пили золотое вино и багряное. Я дал знак хрому медиуму, старому учителю, и он скрылся во мраке ночи. Что-то тревожно-манящее, грустно-мягкое почilo на ее застывшем лице. Я пригласил всех на террасу. Над нами висела черная ночная пасть.

Висела и дышала холодом.

У горизонта забила золотая струйка искр. У горизонта открылся искромет. Понеслись по ветру золотенькие искры, быстро гаснувшие. Еще. И еще.

И везде забили искрометы. С ближнего холма сорвался поток светозарных искр, наполняя окрестность ровно-золотым трепетом. Озаренный золотистым, хромой медиум кричал так странно звучащие слова: «Еще не все погибло. Душа перестала лететь на далекую родину, но сама родина затосковала о потерянных – и вот летит им навстречу старинная родина». Над горизонтом промчались горящие жаворонки – точно

красные кометы, и все слышали над головой трепетание крылий примчавшейся родины.

А хромой медиум, уже не озаренный погасшим водопадом, продолжал выкрикивать в темноте: «И вот, как ракета, взвилось огоньковое слово. У горизонта забила золотая струйка искр. У горизонта открылся искромет. Понеслись по ветру золотенькие искры, быстро гаснущие. Еще. И еще.

И везде забили искрометы».

А уже окрестность свистела и шипела. Огненные колеса жужжали, кое-где вспыхивали пурпурно-бенгальские, странные светочи.

Кто-то слышал тихую поступь – бархатно-мягкую поступь в тишине. Поступь кошки. Это ночной порой кралось счастье. Это было оно. Не понимали, что подымалось в сердцах, когда в небо били гаснущие искрометы – золотые фонтаны вдохновения. Не понимали, что вырывало из жаркой груди светомирные вздохи грусти.

Она стояла близко, близко. Что-то манящее, грустно-застывшее почило на ней, и, понимая меня, она смеялась в ласковой безмятежности.

Тогда я сказал гостям: «Вечность устроила факельное празднество. Значит, по лицу земли пробежали великаны. Только они могли выбросить пламя. Только они могли начать пожар. Только они могли затопить бездну дыханием огня».

11.

Все потухло. Мы молчали. Неслись минуты, и мы смотрели на созвездья – эти слезы огня. Безначальный заплакал когда-то: брызги вспыхнувших слез в необъятном горели над нами. Сквозь хаос пространств посылали снопы золотые друг другу. И аккорды созвездий в душе пробуждали забытую музыку плача. Я слышал чуть слышные звуки рыданий и смеха. Точно роняли жемчуга.

Это она смеялась блаженно. Плакала горько. Тихо сказала, что ночь голубеет, а эмпирей наполнен голубыми волнами.

Услышали звучание небес – прибой волн голубых. Сказали друг другу: «У нее истерика»... Заискрились белые тучки пенно-пирным золотом. Горизонт янтарел. Мы простились.

12.

Я остался в голубом, ласковом безмолвии. Я молчал. Я добился своего. Мне оставалось только умереть от счастья

Referências

BEL'YI, Andrei. **Peterburg: roman v vos'mi glavakh s prologom i epilogom.** Leningrado:Nauka, 1981.

_____. **Stikhotvoreniia i poemy: tom 1.** São Petersburgo/Moscou: Akademicheskii Proekt,Progress-Pleiada, 2006.

_____. **Kotik Letaiev.** São Petersburgo: Epokha,1922.

_____. **Petersburgo.** Tradução de David G. Molina. São Paulo: Editora 34 (no prelo).

NABOKOV, Vladimir. **Speak, Memory: An Autobiography Revisited.** New York: Vintage Books, 1989.